

Mercado não admite "cartolas"

11 AGO 1995

ANTONINHO MARMO TREVISAN

JORNAL DA TARDE

Quando uma economia é fechada e o governo é autoritário, o crescimento das diferentes atividades é uniforme e a exclusão deste ou daquele setor pode ser antecipadamente planejada. Nesse tipo de economia planificada, todos os meios de produção são controlados e o comércio exterior, quando existe, ocorre apenas nos chamados bens primários, ou que são utilizados nos processos produtivos. Importar alguma mercadoria para consumo, nem pensar. O consumidor só pode comprar o que o mercado interno fabricar.

Exemplos típicos e extremos desse tipo de economia poderiam ser encontrados na ex-União Soviética e nos países do Leste europeu. Tecnologia defasada, que elevava os custos a níveis extratosféricos e limitava a produção, transformava a vida das pessoas num pesadelo. Até recentemente, o Brasil conheceu uma parte desses dissabores. Com a abertura de mercado, quebra do monopólio estatal, privatização e estímulo à competitividade, o comportamento das empresas deixou de ser homogêneo. Quando as leis de mercado

entram em ação, fatalmente uns lucram, outros perdem e o jogo da economia deixa de ser controlado pelas cartolas do poder e passa a ser decidido pela ação de profissionais bem treinados, com melhor preparo físico e psicológico, planejamento apurado e táticas mais sofisticadas. É claro que contará também com o fator sorte, mas na sorte não se pode confiar.

Assim é a atual situação

não conseguem justificar por que, por exemplo, há um crescimento do consumo de energia elétrica, enquanto tantas empresas estão fechando suas portas. Ou como é possível o governo aumentar a arrecadação de impostos, se os lucros caem e os prejuízos aumentam. Ou, ainda, como explicar a desaceleração da economia, quando se anunciam tantos investimentos em novas fábricas pelo País.

NINGUÉM CONSEGUE MAIS DETER
O CONTROLE DESTA OU DAQUELE
MERCADO A NÃO SER POR MEIO
DE PREÇO E DE QUALIDADE

das empresas brasileiras. Uma parte, endividada, está, por um lado, pagando juros escorchantes; por outro, sofre a pressão da concorrência e da menor procura por suas mercadorias.

Quem bancou seu crescimento e não tomou dinheiro emprestado está realizando bons lucros no seu negócio e no mercado financeiro. Essa situação confunde os melhores analistas do País que, acostumados a lidar com uma economia uniforme,

Isto chama-se economia de mercado. As decisões de comprar, vender ou investir não são mais lideradas pelo governo. Ninguém consegue deter o controle deste ou daquele mercado a não ser por meio de preço e de qualidade.

Este é o novo jogo que se instala no Brasil que, visto apenas por uma faceta, pode parecer cruel, porque derruba tradicionais capitães da indústria, e porque empresas que até então pareciam sólidas desmoronam e pedem

concordata. Não há como evitar que isso ocorra, tanto quanto parece insano suspender as cirurgias que corrigem miopia apenas para garantir as vendas de óculos.

São exatamente as regras do mercado competitivo que vão impedir que o governo onere a produção com impostos. Regras de mercado em que os jogadores não vão cruzar os braços, quando um representante do Executivo, como faz atualmente o ministro da Saúde, quiser impor mais um tributo. Mercado implacável, que se recusa a comprar vinho francês por conta das agressões ao meio ambiente. Um jogo que dificulta os acordos de gabinete, que valoriza a competência, que faz o produtor brigar pela eficiência dos gastos públicos e não admite amadorismos.

É o Brasil entrando nesse jogo cuja meta é o crescimento sustentado pela qualidade e pelo preço competitivo. Quem ganha é o consumidor.

O AUTOR

Antoninho Marmo
Trevisan é presidente
da Trevisan
Auditores e
Consultores

